



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

NARRATIVAS DE MULHERES PROFESSORAS EM PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Geovani de Jesus Silva *
(UESC)

Sueli Bianco dos Santos**
(UESC)

Júlia Maria da Silva Oliveira ***
(UESC)

Florisbete de Jesus Silva ****
(UESC)

RESUMO

Este trabalho intitulado **Narrativas de Mulheres Professoras em Processo Formação Docente**, apresenta os desafios, impasses, renúncias e resistências enfrentadas pelas mulheres alunas-docentes em formação em Pedagogia, bem como as suas perspectivas, anseios e mudanças no decorrer da formação profissional. O texto apresenta narrativas de mulheres que já exerciam a docência a mais de dez anos e foram convidadas a participarem de um Programa Especial de Formação Docente pela Universidade Estadual de Santa Cruz, por possuírem diplomas de nível médio na modalidade Magistério. A pesquisa qualitativa foi realizada em seis municípios do Sul da Bahia – Brasil, com vinte mulheres e utilizamos como instrumentos para coleta dos dados a observação direta, o

* Prof. Assistente do DCIE/Universidade Estadual de Santa Cruz, Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Ciências Humanas/CEPECH/UESC - geovanideporto@yahoo.com.br.

** Prof^ª da Rede Municipal de Mascote-BA, Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste Baiano – UESB - Membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Ciências Humanas/CEPECH/UESC - suelibiano@hotmail.com.

*** Prof^ª Adjunta do DCIE/Universidade Estadual de Santa Cruz, Dr^ª Coordenadora da Especialização em Educação de Jovens e Adultos, Membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Ciências Humanas/CEPECH/UESC - j_m_oliveira@hotmail.com.

**** Prof^ª das Faculdades Integradas do Extremo Sul da Bahia e da Rede Municipal de Porto Seguro, Msc, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Ciências Humanas/CEPECH/UESC - florisbete@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

diário de bordo, diários pessoais, os quais foram escritos em dias alternados durante um período de dois meses consecutivos e, por fim, entrevistas semi-estruturadas.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente, Identidade de Gênero, Trabalho

INTRODUÇÃO

Após a Constituição Federal de 1988 e da LDB 9.394/1996 torna-se necessário, para atuar na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a formação em nível superior, licenciatura plena em pedagogia, normal superior e também no curso médio na modalidade normal.

Considerando que a lei também responsabilizava os estados e os municípios pela formação dos professores/as, as prefeituras municipais, a partir do ano 2000, buscaram estratégias para formar o seu quadro efetivo. É nesse contexto que surge o Programa de Formação para Professores em atuação na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental – PROAÇÃO, que tem como instituição proponente a Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC em parceria com os municípios.

O objetivo do PROAÇÃO era graduar em nível superior professores/as que já atuavam na rede pública de ensino. O referido Programa privilegiava desenvolver uma concepção formativa baseada na compreensão, construção, problematização e transformação de algumas práticas pedagógicas vigentes, enfatizando a produção de um conhecimento interdisciplinar. Logo, a proposta



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

curricular valorizaria a experiência docente e dela partia para a construção teórica e para a ressignificação da prática.

Aprovado pelo Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão – CONSEPE/UDESC, o Programa passou a funcionar na modalidade fora da sede-UDESC, com dois núcleos: um na cidade de Porto Seguro e outro em Camacan, e compreendia: Ensino presencial e formação em serviço, fundada em núcleos temáticos, visando atender as especificidades dos municípios envolvidos.

Nessa pesquisa, debruçamo-nos sobre o cotidiano de mulheres educadoras em formação, a fim de revelarmos a transitoriedade de suas identidades, as marcas e percalços de suas histórias de vida, bem como as relações de gênero.

Gênero enquanto categoria analítica

A partir da segunda metade do século XX, principalmente após a publicação do livro *O segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, no qual está expresso a célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, que fundamenta o feminismo, ou seja, a desnaturalização do ser mulher sob a “tensão de uma identidade sexual compartilhada, evidenciada na anatomia, mas recortada pela diversidade de mundos sociais e culturais nos quais a mulher se torna mulher, diversidade essa que, depois, se formulou como identidade de gênero, inscrita na cultura” (SARTI, 2004, p. 35).

Nos primeiros anos do movimento feminista no Brasil, muitas mulheres não aceitavam as bandeiras de luta das feministas, isto porque, as agências e agentes sociais já haviam reproduzido durante séculos o ‘modelo’ de ser mulher baseado na divisão sexual do trabalho, nas funções sociais do homem e da mulher na sociedade e no arquétipo de uma mulher dona de casa, frágil e submissa. Por outro lado, ser emancipada para algumas feministas era assemelhar-se ao homem, agir

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

como ele, o que causou um conflito entre a política do movimento e as práticas feministas.

Para Costa (1998) o Feminismo é a consciência adquirida sobre a situação de subalternidade da mulher na sociedade, bem como da urgência de iniciativas políticas de modificação dessa situação; por sua vez, Telles (1999) conceitua como uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres, e essa opressão se manifesta tanto no nível das estruturas, como das superestruturas (ideologia, cultura e política), ao tempo que Saffioti (2002) considera que apesar de haver uma perspectiva feminista, construída ao longo das lutas de mulheres por uma sociedade menos injusta, não se deve pensar em modelo feminista, pois não existe um modelo de análise que resuma toda a perspectiva do Feminismo.

Um grande avanço no campo dos estudos feministas foi a contestação do termo sexo, questionado por remeter ao biológico, já a palavra gênero, é utilizada para enfatizar os aspectos culturais relacionados às diferenças sexuais. Carvalho (2010) explica que, inicialmente, o termo gênero foi apropriado por autores/as de língua inglesa, precisamente após a publicação do livro de Simone de Beauvoir essa discussão foi se consolidando, como esclarece Haraway (2004, p.211):

Todos os significados modernos de gênero se enraízam na observação de Simone de Beauvoir de que 'não se nasce mulher, torna-se mulher' e as condições sociais do pós-guerra que possibilitaram a construção de mulheres como um coletivo histórico, sujeito-em-processo. Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta.

Carvalho (2010) chama a atenção que o 'paradigma da identidade de gênero' consolidou-se nos anos 1950/60 por meio de uma visão funcionalista e essencializante de Simone de Beauvoir. Pontua ainda que o termo gênero foi



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

utilizado por psicólogos norte-americanos para “descrever os elementos que consideravam culturais em oposição aos que consideravam naturais, biológicos, na personalidade de seus clientes” (CARVALHO, 2010, p. 58). A utilização advém da distinção binária entre natureza – como o sujeito nasce (representada pelo sexo) e cultura (gênero) – o que o sujeito torna-se a ser.

Nos anos 1970/80 o movimento feminista preconizava que “gênero é associado aos traços de caráter e comportamento, enquanto sexo descreve o corpo e a biologia” sempre referidos a um indivíduo (NICHOLSON, 2004, 13). Ao longo dos anos 1980 desenvolve-se uma nova percepção sobre os conceitos, a partir da crítica a visão funcionalista, desse modo, um grupo significativo de feministas passam a compreender o sexo “como uma categoria teórica totalmente determinada pela história e pela cultura, isto é, subsumida no interior da categoria gênero (CARVALHO, 2010, p. 04).

Destaca-se, dentre as estudiosas, a Historiadora norte-americana e pós-estruturalista Joan Scott, que se dedicou aos estudos das lutas operárias e feministas da França do século XIX, e discute a insuficiência da postura descritiva sobre a mulher, que mesmo tendo demonstrado que possuía uma história e que participaram ativamente dos processos históricos da civilização ocidental, não conseguiu alterar os conceitos dominantes incorporados a mentalidade e a cultura.

SCOTT (1995) apresenta duas proposições quanto à definição de gênero: a primeira é que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e a segunda é que “Gênero é um modo primário de significar relações de poder” (p. 123). A primeira definição refere-se ao processo de construção das relações de gênero e a outra à pertinência da aplicação do termo como categoria de análise de outras relações de poder.

Nessa perspectiva, ninguém é naturalmente homem ou mulher, masculino ou feminino, estes significados são socialmente construídos através do processo



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

histórico e cultural que cria as identidades de sexo e gênero. A construção e as expressões da masculinidade e da feminilidade são variáveis e plurais no espaço (conforme a classe social, religião, etnia, região) e no tempo (conforme a época histórica e a fase da vida individual).

Feminização do Magistério

Louro (2004, p.449) sublinha que “a educação formal no Brasil e em muitos outros países por um longo período foi ministrada por homens”. A inserção da mulher no mercado de trabalho e, prioritariamente, na sala de aula deu-se a partir da segunda metade do século XIX.

Insatisfeitas com a submissão a elas impostas, as mulheres passam a se organizar em meio a retaliações, violência e negação dos direitos. Suas conquistas não se deram casualmente ou por reconhecimento da contribuição feminina para a reestruturação da sociedade moderna, mas por pressões internas e externas advindas de grupos organizados em defesa dos direitos da mulher.

A entrada das mulheres no magistério “foi uma possibilidade de projeto social, política e cultural para as mulheres. Foi um espaço de emancipação conquistado, não simplesmente concedido por uma sociedade masculina” (HYPÓLITO, 1997, p. 71). A participação da mulher no trabalho assalariado obedecia a certo consenso social, político e cultural de que lhes seria mais adequado as atividades que exigissem docilidade, submissão e paciência. Características que se coadunavam com os papéis que as mulheres foram preparadas a exercerem na sociedade, quais sejam: mãe, filha, cuidadora, protetora, dentre outros.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Com o processo de urbanização, de industrialização a escolarização tornou-se cada vez mais necessária. Isto porque, “as classes trabalhadoras emergentes necessitavam de uma escolarização básica” (HYPÓLITO, 1997, p. 49). Entretanto, devido ao reduzido número de empregos destinados as mulheres, a elas eram oferecidos trabalhos de menor prestígio e, logicamente, com menores salários: professoras, enfermeiras, secretaria, dentre outros.

O recorrente discurso social de que o posto de trabalho da mulher estava no lar continuava limitando seus espaços de participação social. As sociedades patriarcais, ocidentais temiam a ascensão feminina, o que era revelado nos discursos sociais, religiosos e, também, registrado na Primeira Lei de Instrução Pública do Brasil em 1827, que embora permitisse a participação da mulher na sala de aula, o exercício da docência muito tinha haver com a sua função doméstica: modeladoras de condutas pessoais, dóceis, cuidadosas, dessa maneira, as mulheres não só eram responsáveis por suas ações, mas assumiam também a responsabilidade pela formação do outro.

Na sociedade hodierna, a participação feminina tornou-se cada vez mais necessária no mercado de trabalho. No entanto, as mulheres são chamadas a desempenharem diversos papéis demandados por uma sociedade patriarcal, ainda, dominante. Em nome do bem estar da família e/ou para garantir sua formação profissional, historicamente negada, as mulheres enfrentam jornadas de trabalho exaustivas, dentro e fora do lar. Nesse artigo, relatamos as narrativas de algumas dessas mulheres, baianas, brasileiras.

Desenho Metodológico

O delineamento metodológico desse estudo se inspirou na história de vida, que é um método de pesquisa no qual o pesquisador procura compreender o meio



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

social, os processos sociais a partir das experiências de uma pessoa, como também de um grupo ou de uma organização (DESLAURIERS, 1991). O objetivo em se utilizar este método é de compreender a vida social, profissional, o desenvolvimento dos processos sociais a partir de uma experiência individual e concreta.

Propomo-nos a descrever as histórias vivenciadas por essas mulheres na trajetória da sua formação. Igualmente, visamos investigar as docentes dentro da sua cotidianidade, para assim retratar as suas vivências com características mais reais possíveis, aproximamo-nos dessas mulheres para torná-las nossas colaboradoras nesse feito.

Contexto do Estudo

O PROAÇÃO foi implementado pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC no final da década de 1990, destinava-se a formação em nível superior de professores/as que atuavam na Educação Infantil e/ou Séries Iniciais do Ensino Fundamental no Sul da Bahia e, que possuíam apenas a formação de nível médio na modalidade Normal. Os/as docentes participaram de um processo de seleção a fim de ingressarem no referido Programa. Após a seleção, as mulheres permaneciam por uma semana a cada mês, para fins de formação condensada e modular em um dos pólos (Porto Seguro ou Camacan).

As docentes que participarem do nosso estudo tinham idade entre 25 e 50 anos; atuavam nas séries iniciais do ensino fundamental e na educação infantil; com carga horária de 40 horas semanais; e dez eram casadas e dez solteiras.

Utilizamos como instrumentos para coleta dos dados a observação direta, o diário de bordo, diários pessoais, os quais foram escritos em dias alternados durante um período de dois meses consecutivos e, por fim, entrevistas semi-



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

estruturadas. Construímos um calendário para a realização das entrevistas e entrega dos diários pessoais. Solicitamos que as docentes escrevessem durante o tempo livre que dispusessem. Esse foi um trabalho árduo, considerando as dificuldades enfrentadas, tais como: falta de tempo, problemas de saúde da participante e/ou de familiares, sobrecarga de trabalhos escolares e domésticos, dentre outros.

As entrevistas foram realizadas em espaços diversos como: dentro do ônibus escolar no período de intervalo das aulas, no restaurante no horário de almoço, na cantina da escola, nos lares, no fórum, dentre outros.

As Narrativas

A história de vida das mulheres dessa pesquisa retrata as dificuldades existentes no cotidiano das diversas docentes, que exercem diuturnamente diversos papéis na sociedade. Como podemos constatar no discurso de Nal, que nos revela

Tenho que trabalhar e estudar, além das dificuldades de convivência com a família, tem também as financeiras. Fico muito triste. Às vezes venho para a faculdade sem ter nem mesmo o dinheiro do almoço (DIÁRIO DE NAL, p.1).

As dificuldades enfrentadas por Nal fazem parte do cotidiano de inúmeras mulheres, as quais possuem a mesma situação econômica e, que se esforçam para contornar os problemas na tentativa de construir uma nova identidade profissional.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Esses obstáculos não configuram como um fato isolado, observemos a narrativa a seguir:

Hoje é quarta-feira, 15 de março. Acordei às 4h para dar mamada a Pedro. Amamenteei-o e voltei a dormir. Acordei às 7h me arrumei e fui para a escola. Geralmente não tomo o café da manhã. Não dá tempo! Trabalhei a manhã inteira, voltei para casa no horário de almoço. Almocei, dei almoço às crianças e voltei correndo para o trabalho. Só voltei para casa às 17h. Dei banho nas crianças arrumei-as, jantamos e ficamos juntinhos. Em seguida preparei aulas para ministrar no dia seguinte. Assisti TV e fui dormir. Exausta para variar! (DIÁRIO DE HELENA, p.5)

As narrativas das mulheres retratam a intensidade com que se desdobram para cumprir com as diversas funções que lhe são exigidas. Esta prática marca o dia a dia da mulher desde os primeiros momentos da sua inserção no mercado de trabalho: nas indústrias têxteis, no campo, nas casas dos senhores como companheiros/as dos/as filhos/as dos patrões. Essa realidade se desvela nas narrativas das participantes da nossa pesquisa, posta nos fragmentos a seguir:

Hoje, 28 de agosto, acordei às 6h e fui para Itabuna acompanhar pessoas para: consultas médicas, internamentos para a realização de cirurgias, cadastros junto à Caixa Econômica Federal, carteira de motorista... Além disso, tenho reuniões com lideranças políticas e com o grupo de acessória da saúde do município. Voltei para Pau Brasil, tomei banho e fui para a câmara de vereadores/as, pois, hoje é dia de sessão. Em casa, atendi alguns telefonemas, em seguida Victor chegou da faculdade. Hoje é o dia do aniversário dele e eu não o vi durante todo o dia. Ufa! É o que dá ser política (DIÁRIO DE ESTRELA, p.5)

Hoje, são 03 de março (estamos na semana de aulas na faculdade). Acordei às 5h. Arrumei-me, juntei-me às colegas e embarcamos (primeiro vamos a São João do Paraíso buscar os/as outros/as colegas, de lá iremos a Camacan). Estudei, conversei com os colegas e almocei na cantina do colégio (fizemos um almoço coletivo – cada pessoa traz um tipo de alimento e aqui



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

partilhamos). Depois descansei um pouco e voltei aos estudos. Ao final do dia, voltei para casa. Ainda fiz um trabalho da faculdade para entregar no dia seguinte, mas, meu filho Pedro, puxou e rasgou! Parei, coloquei as crianças para dormir e fiz o trabalho novamente. Consegui concluir o trabalho o trabalho. Fui dormir (meia-noite) (DIÁRIO DE HELENA, p. 3)

As dificuldades presentes no decorrer do curso enfatizam a persistência em permanecerem, a resistência em fazer face às diversidades. Assim, a cantina da escola ou a sala de aula se transformaram em berçário para os/as filhos/as recém nascidos das colegas que pariram nesse período e desejavam garantir o aleitamento. Outras mães que por morarem em outras cidades, não disponibilizavam de pessoas para ficarem com as crianças. O desejo em ultrapassar as barreiras que as aprisionaram ao longo da sua existência, adicionado as expectativas acabavam fortalecendo as mulheres a se desafiarem diariamente.

A emancipação da mulher, mesmo que não tenha se dado totalmente, já propiciou novas formas de ver o mundo, de estar no mundo, de interagir com esse mundo e de serem vistas por ele. Apoderaram-se do direito de decidir, do que querem ser e qual lugar querem ocupar na sociedade como enfatiza Sedlien

Minha perspectiva profissional é a busca diária de conhecimento, almejo crescer muito no conhecimento de línguas estrangeiras. Ao concluir o curso de pedagogia, pretendo fazer licenciatura em Letras. Ainda tenho que realizar muita coisa (DIÁRIO DE SEDLIEN, p. 1).

Podemos afirmar que a liberdade do indivíduo, a representação que ele tem de si mesmo é de fundamental importância para a construção de sua identidade pessoal. Essa liberdade conquistada, essa amplitude de horizontes desvelados, essa



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

“ousadia adquirida” ao trilhar novos caminhos, podem algumas vezes influenciar nas relações íntimas familiares, como destaca Lia

A princípio foi fácil, recebi apoio basicamente da minha família. Em especial do meu marido. Embora hoje eu perceba que ele não sabe lidar com o meu sucesso. Acredito que ele tenha se arrependido do apoio que me deu anteriormente. Ele me deu “ousadia” e agora está querendo cortar a “corda” (risos) (DIÁRIO DE LUZ, p. 2.)

São tantas as expectativas que essas mulheres alimentam que nem mesmo o cansaço das exaustivas jornadas de trabalho limita sua vontade de reconstruir sua história. Nem mesmo o tempo, que nesse caso é imensurável, pois não se trata do tempo do relógio, as controlam, e as fazem. Nesse sentido, Helena assim se expressa:

Tenho muitas perspectivas pessoais e profissionais **(risos...)**. Profissionalmente tenho muitos desejos. Ultimamente eu tenho almejado muito ser “alguém”. Ser reconhecida na minha área de trabalho; ser uma profissional competente e compromissada com a sociedade. Eu tenho pensado muito nisso **(risos...)** (DIÁRIO DE HELENA, p.1)

CONCLUSÕES

As narrativas das mulheres em processo de formação docente nos permitiram compreender as mutações constantes, as quais permeiam a vida da mulher contemporânea durante o processo de construção de uma identidade profissional, e nesse caso específico, que não se configura como nova identidade,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

uma vez que essas mulheres estavam ali para dar continuidade a sua formação, uma vez que já eram professoras.

Ainda que ocorram constantemente transformações sociais que permitam a mulher novas formas de vida, convivemos em um território de lutas constantes contra as desigualdades sociais que se instalam nas diversas instâncias da sociedade, principalmente relacionadas à questão de gênero. É nesse contexto que as mulheres se superam e se desafiam continuamente, adicionando mais ocupações as já existentes, e, por conta disso, muitas vezes abdicam sua vida pessoal em detrimento da vida profissional, além dos cuidados para com a família que ainda são atributos primordialmente da mulher. A multiplicidade de atividades por elas desempenhadas, os encantos e os desencantos frente às relações familiares que elas estabelecem evidenciam grandes desafios.

REFERÊNCIAS

- BAUER, C. Breve História da Mulher no Mundo Ocidental. São Paulo: Edições Pulsar, 2001.
- BEAUVOIR, S. **Le deuxième sexe**. Paris: Éditions Gallimard, 1976.
- CARVALHO, M. P. de. O Conceito de gênero a partir dos trabalhos apresentados no GT14 da ANPED (1999-2009). **Anais...** Caxambu: 33ª Reunião Anual da ANPED, 2010.
- COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Labrys, Estudos Feministas**. Brasília, Jan/Jun, 2005.
- DESLAURIERS J-P. Recherche qualitative; guide pratique. Québec (Ca): McGraw-Hill, Éditeurs, 1991.
- HARAWAY, D. Gênero para um dicionário marxista. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 22, 2004. p. 201-246.
- HYPOLITO, A. L. M. **Magistério, Formação e trabalho pedagógico: trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas (SP): Papirus, 1997.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

LOURO, G. L. **O Corpo Educado: pedagogias de sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.8, n. 2, p. 9-42, 2000.

PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, v. 17(1). n. 296, jan/abr., 1992.

SAFFIOTI, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Labrys, Estudos Feministas**. n. 1-2, jul./dez., 2002.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Sociedade**. Porto Alegre, n. 20, v. 2, jul./dez. 1995, p. 71-100.

SARTI, C. A. O Feminismo Brasileiro desde os Anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, v. 12(2), n. 264 mai./ago, 2004.

STRATHERN, M. **The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanésia**. Berkley: University of Califórnia Press, 1988.

TELES, M. A. de A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo. Brasiliense, 1999.